



## O “¿Por qué no te callas?” no noticiário de *O Globo*: a (re)construção de um espetáculo político<sup>1</sup>

Gláucia da Silva Mendes<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora

### Resumo

A autonomia alcançada pelo campo do jornalismo em relação ao da política, associada à proeminência de uma lógica midiática calcada no entretenimento, vem transformando o noticiário contemporâneo em um espaço discursivo no qual tradicionais conteúdos políticos cedem lugar a fenômenos espetaculares, regidos por critérios como a ruptura das regularidades cotidianas, a produção de conteúdo diversional e a dramatização dos acontecimentos. Este é o contexto elucidado pelo presente artigo com o propósito de analisar a cobertura realizada pelo jornal *O Globo* acerca de um recente acontecimento político: a discussão entre as autoridades espanholas e venezuelana que culminou com a frase “¿Por qué no te callas?”, dita pelo rei Juan Carlos a Hugo Chávez.

### Palavras-chave

Jornalismo; política; espetáculo

### Introdução

A frase “¿Por qué no te callas?”, dita pelo rei espanhol Juan Carlos ao presidente venezuelano Hugo Chávez na XVII Reunião da Cúpula Ibero-americana, quando o último insistia em suas ofensas ao ex-presidente espanhol José Maria Aznar, interrompendo a fala do atual mandatário da Espanha, José Luis Rodríguez Zapatero, ganhou ampla repercussão, chegando até a se transformar em toque de celular. O incidente político, muito distante da experiência cotidiana de grande parte dos cidadãos comuns, chegou ao conhecimento destes e tornou-se popular principalmente em função do noticiário produzido pelos meios de comunicação.

Mas, por que um assunto como esse foi escolhido, dentre tantos outros sobre política externa, para figurar na mídia? Como ele foi abordado? Que critérios predominaram na (re)construção midiática do acontecimento? E o que estes revelam sobre a atual cobertura jornalística do campo político? O presente trabalho parte desses

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo e Editoração, do XIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e jornalista graduada pela UFJF. E-mail: gs\_mendes@yahoo.com.br.



questionamentos para empreender uma análise da cobertura realizada pelo jornal brasileiro *O Globo* acerca do incidente envolvendo as autoridades espanholas e venezuelana.

Como período de observação, adota-se os seis dias que sucederam o acontecimento, intervalo de tempo em que ele foi abordado pelo veículo sem interrupção. Para subsidiar a análise, realiza-se, inicialmente, uma explanação teórica sobre a atual relação entre os campos do jornalismo e da política e as implicações desse imbricamento na produção do noticiário político contemporâneo.

### **A comunicação política contemporânea**

Ao discorrer sobre as relações entre política e comunicação de massa, Wilson Gomes (2004) defende a existência de três modelos de interseção entre as duas áreas. No primeiro, marcado pelo predomínio da imprensa de opinião, a comunicação é tida como um elemento do universo político e, enquanto tal, está totalmente voltada à discussão pública de assuntos desta esfera. No segundo, embora se verifique a diversificação das instituições comunicacionais - com o surgimento do rádio, do cinema e da televisão -, ainda persiste a visão instrumental dos meios massivos: estes são vistos simplesmente como aparelhos para a difusão, na sociedade, de mensagens produzidas pela arena política. Por fim, o terceiro caracteriza-se pelo desenvolvimento da mídia empresarial, movimento que conduziu à formação de campos sociais de natureza comunicacional independentes da esfera política.

Partindo do conceito de campo como um sistema social no qual as relações entre seus membros são orientadas principalmente pelo objetivo de conquistar prestígio e posições privilegiadas, a partir da acumulação de capital simbólico, o autor define da seguinte forma a atividade jornalística praticada no terceiro desses modelos:

No terceiro modelo, o jornalismo é um sistema social e os jornalistas são agentes ocupando posições diferenciadas, buscando em lutas concorrenciais internas acumular o capital simbólico que o campo distribui, deixando com que preocupações com reputação e prestígio jornalísticos orientem suas escolhas, dirijam suas atitudes e constituam seus valores. Nesse sentido, a um jornalista importa menos a eficiência da rotina produtiva em si mesma do que aquilo que o seu trabalho lhe conquista em termos de reputação e imagem no campo do jornalismo. Onde só se via um meio, constituiu-se agora uma instituição social, com valores, regras de funcionamento, definições sobre a sua própria natureza, hierarquias, conhecimento acumulado,



discurso de autolegitimação social e deontologia específica. De forma que esses “meios”, a esse ponto, não dependem da política para seu sustento, são economicamente orientados pela relação com outras esferas (anunciantes, consumidores e audiência), e consideram os seus princípios e valores imanentes mais importantes do que o atendimento das demandas e do interesse de outras esferas. (GOMES, 2004, p. 57)

Embora afirme que esses modelos não estão necessariamente associados a uma época específica, Gomes (2004) considera que, na contemporaneidade, há um predomínio do terceiro. Por conseguinte, o universo político apresenta-se, hoje, destituído da autonomia de outrora e vê-se obrigado a interagir com um campo regido por regras próprias, enfrentando as resistências por ele impostas e tendo, por vezes, que se dobrar aos interesses das empresas ou dos ambientes profissionais do jornalismo para obter visibilidade na esfera pública.

### **A construção da realidade política no jornalismo**

Nelson Traquina (2005) afirma que a formação de uma comunidade jornalística guiada por valores e interesses próprios culminou com a construção de uma identidade profissional composta por elementos culturais que fornecem um modo específico de ser/estar, agir, falar e, principalmente, de ver o mundo. Isto implica dizer que, ao contrário dos momentos anteriores, no último modelo proposto por Gomes (2004), os jornalistas se afirmam como membros de uma “comunidade interpretativa” que adota “óculos particulares” (BOURDIEU, 1997 *apud* TRAQUINA, 2005, p. 77) para compreender o mundo: a partir do emprego de determinados filtros, eles selecionam aspectos da realidade e a reconstruem.

Intrínseca a esse modelo, encontra-se, portanto, uma concepção construcionista do jornalismo, que, por diferentes motivos, se opõe à visão da atividade como um espelho do mundo real:

O filão de investigação que concebe as notícias como construção rejeita as notícias como espelho por diversas razões. Em primeiro lugar, argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *mass media* noticiosos que devem “refletir” essa realidade porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutral



é impossível. Em terceiro lugar, é da opinião que os *media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores (...) (TRAQUINA, 2004, p. 168-169)

Ao assumir o caráter de dispositivo simbólico de construção da realidade, a mídia faz com que os acontecimentos e as questões por ela reportadas sejam incluídos no repertório de conhecimentos sobre o mundo atual. Conforme relata Hohlfeldt (2001), os pesquisadores filiados à hipótese de *agenda-setting* apontam como uma das implicações desse fato a transformação das questões e dos problemas suscitados pelos meios de comunicação em focos de atenção e discussão social: “(...) a *agenda* da mídia *de fato* passa a se constituir também na *agenda individual e mesmo na agenda social*” (HOHLFELDT, 2001, p. 191, grifo do autor). Contribui para este resultado, de acordo com o autor, a capacidade dos meios de comunicação de atribuir relevância a um determinado tema em detrimento de outros, a partir da seleção dos acontecimentos passíveis de serem transformados em notícia e de sua hierarquização em termos de importância para a vida social.

Esse pressuposto mostra-se válido também para a política:

Se os sujeitos, posições, relações e acontecimentos da política não forem, pelas intervenções técnico-profissionais da indústria da informação transformados em habitantes do mundo-em-tela, do mundo-em-página, enfim do mundo mediado pela informação de massa, não conseguirão, exceto para um círculo reduzido de indivíduos, fornecer repertórios que municiem cognitivamente as formas de sociabilidade contemporânea. (GOMES, 2004, p. 327)

Mas não é só a *existência* dos atores e dos acontecimentos políticos que está condicionada à cobertura realizada pelos meios de comunicação. Como lembra o autor, o *porquê* e o *modo* dessa existência também é previamente definido pela mídia: “bem entendida, esta ‘realidade’ não consiste apenas na existência dos sujeitos e posições políticas (...), mas também no modo da existência, no porque da existência e no tipo de rede de causas e conseqüências que esta existência desencadeia” (GOMES, 2004, p. 327).

Mauro Wolf (1995) evidencia que o *porquê* e o *modo* como os acontecimentos, aí incluídos os assuntos políticos, são apresentados pelos meios de comunicação resultam de um conjunto de fatores organizativo-burocráticos e elementos comunicativo-expressivos próprios do fazer jornalístico. As regras e os parâmetros que norteiam a



atividade encontram-se reunidos sob o conceito de noticiabilidade, definido como “(...) conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 1995, p. 170).

Conhecidos como valores-notícia, os elementos constituintes da noticiabilidade, segundo o autor, referem-se a uma série de avaliações acerca dos acontecimentos e das qualidades do produto informativo final e encontram-se presentes em todas as etapas do processo de produção jornalística. Trata-se, portanto, de critérios que presidem não só a seleção dos acontecimentos e aspectos destes passíveis de serem noticiados – os valores-notícia de seleção –, como também a apresentação dos fatos jornalísticos – os valores-notícia de construção.

Ao defender que todos os ramos da comunicação são hoje perpassados por uma lógica derivada do campo publicitário, que têm como princípio básico o entretenimento, Gomes (1995; 2004) afirma existir a preponderância de três critérios na seleção e na formatação final dos acontecimentos políticos, que os fazem tender ao espetacular: a ruptura das regularidades cotidianas, a produção de conteúdo diversional e a dramatização.

O primeiro desses parâmetros é visto como primordial na escolha dos acontecimentos dignos de atenção jornalística:

(...) o principal critério de decisão sobre o que é e o que não é notícia continua sendo a capacidade que uma informação teria, segundo os critérios empregados pelos ambientes profissionais, de despertar interesse do público. Noticiável é, antes de tudo, o interessante. Isso significa que, em primeiro lugar, terão potencialidade para se transformar em notícia os acontecimentos extraordinários e os que envolvem pessoas, coisas e relações excepcionais. Desse ponto de vista, vale o critério da probabilidade estatística: o menos provável é o mais interessante(GOMES, 2004, p. 314).

O segundo critério – a diversão –, é acionado pelo jornalismo na elaboração de seu produto final. Segundo Gomes (2004), as notícias são cada vez mais construídas a partir da adoção de uma cota mínima de informação, destituída de qualquer profundidade, e de registros lúdico-estéticos: a beleza do texto, a profusão de imagens, a utilização de cores, o emprego de uma diagramação “limpa” etc. Tudo isso para possibilitar um *consumo distraído*, que não exige a racionalidade do leitor.



Por fim, a transformação dos acontecimentos em encenações dramáticas, com o propósito de produzir efeitos emocionais nos destinatários da informação, também tem se transformado em uma prática recorrente de construção noticiosa:

(...) os acontecimentos não são apenas meros eventos, mas materiais que podem ser submetidos a uma linguagem teatral voltada para a produção de efeitos no ânimo dos espectadores: raiva, indignação, surpresa, comoção, angústia e riso. Do mesmo modo, as pessoas e as relações que fazem parte do fato não são apenas meros conteúdos do evento, mas personagens, e suas interações, caracterizados deste ou daquele modo, envolvidos em relações dramáticas, nas quais são apresentadas aos destinatários da informação. (GOMES, 2004, p. 318)

De acordo com o autor, essas características são avessas às necessidades discursivas fundamentais da esfera política, calcadas sobretudo na regularidade, na racionalidade, na profundidade, na complexidade e no compromisso.

Ora, este ambiente predominante da comunicação pública parece, em princípio, incompatível com certos conteúdos tradicionais da expressão política. Em primeiro lugar, porque a política solicita uma resposta real dos sujeitos, isto é, ela supõe (do sujeito político) e exige (do cidadão) um certo nível de compromisso e uma manifesta tomada de posição.(...) Em segundo lugar, porque a solicitação de conhecimento e reconhecimento, por parte da esfera civil, das posições em disputa no campo político, significa que as posições tomadas e que se oferecem como possibilidades ao cidadão podem ser racionalmente justificadas num procedimento argumentativo coerente. (...) Em terceiro lugar, isso implica que, em todo caso, as posições podem ser, então, racionalmente avaliadas de forma a que se possa chegar, com razão e boa vontade, à conclusão de que umas posições são preferíveis a outras ou que umas são verdadeiras e outras são falsas. Em quarto lugar, essa avaliação que resulta num juízo de valor, só é possível se admitirmos que os homens podem recorrer a procedimentos argumentativos regidos por uma lógica objetiva da ordem das razões, onde os sentidos se encadeiam coerentemente e os pseudo-raciocínios podem ser desmascarados. Em quinto lugar, porque é óbvio, a partir de tudo isso, que a política é um campo de disputas, de conflitos entre sistemas de pensamento e ação. Em sexto lugar, porque o que é o mais importante na política não são os desfechos dramáticos, as contendas particulares, mas as regularidades das discussões e contraposições discursivas pelas quais posições são defendidas, decisões são justificadas e apresentadas a outrem, o funcionamento regular da administração do Estado ou o jogo cotidiano das negociações políticas. (GOMES, 2004, p. 319)

Tal incompatibilidade que, segundo o autor, ocorre em um ambiente no qual a política não pode prescindir da mídia para sobreviver, faz com que os tradicionais



conteúdos políticos sejam preteridos pelos meios de comunicação de massa e passem a ceder lugar a novas formas de existência, nas quais a ruptura com a regularidade, a diversão e a dramaticidade definem o tom do noticiário.

### **O “¿Por qué no te callas?” no noticiário de *O Globo***

A cobertura realizada pelo jornal *O Globo* a respeito do desentendimento entre Hugo Chávez e os mandatários espanhóis na XVII Reunião da Cúpula Ibero-americana, que culminou com a frase do rei Juan Carlos “¿Por qué no te callas?”, ilustra bem as avaliações de Gomes (2004) acerca do noticiário político contemporâneo.

Em primeiro lugar, porque o acontecimento excepcional, que envolveu de uma forma inesperada autoridades políticas, emergiu como assunto de grande interesse jornalístico. Durante seis dias (de 11 a 16 de novembro de 2007), o veículo concedeu amplo espaço para abordar a questão, sendo que em duas edições, matérias de página inteira, e em três, notícias de meia página centravam-se no “bate-boca” (como o próprio periódico definiu o evento) e em suas repercussões.

Também a dramatização fica patente na cobertura realizada por *O Globo*. É o que atesta a primeira notícia sobre o incidente, publicada no dia 11 de novembro: nela, percebe-se a persistência de uma linguagem teatral. A partir da utilização de sentenças como “visivelmente irritado, mas sem levantar a voz, ele [Zapatero] defendeu seu antecessor”; “a atitude do venezuelano irritou vários governantes, que *demonstraram desagrado com gestos*”; “o rei Juan Carlos *projetou o corpo para frente e, virando-se para Chávez com dedo em riste*”; “diante disso [das críticas do presidente da Nicarágua, Daniel Ortega], *o rei se levantou e se retirou da sala*” (CHÁVEZ ..., 2007b, grifo nosso), o jornal constrói um relato que procura dar conta dos atos performáticos dos agentes políticos, como se estivessem envolvidos em uma encenação.

Os protagonistas do caso também são apresentados como cumprindo papéis bem definidos. O presidente da Espanha, José Luis Rodríguez Zapatero, encarna a figura de homem educado: “Zapatero (...) *esperou o fim da intervenção do venezuelano e pediu a palavra* para defender seu país. Visivelmente irritado, *mas sem levantar a voz* (...) ele defendeu seu antecessor”. A essa qualidade, o jornal acrescenta outra - a sensatez -, ao afirmar que “o socialista Zapatero, que é ferrenho adversário político do conservador Aznar (...) defendeu seu antecessor” e ao destacar a fala do presidente espanhol que



ilustra essa idéia: “podem-se ter pontos de vista opostos a uma posição ideológica, e *não serei eu que estarei próximo às idéias de Aznar, mas o ex-presidente Aznar foi eleito pelos espanhóis e exijo este respeito*” (CHÁVEZ ..., 2007b, grifo nosso).

O presidente venezuelano, Hugo Chávez, por sua vez, assume o papel de agressor e mal-educado: “Chávez, que *já fizera severas acusações a Aznar* na sexta-feira, *voltou a acusar* o ex-mandatário espanhol de ser fascista”; “Chávez, porém, *interrompeu Zapatero diversas vezes, falando ao mesmo tempo que o presidente do governo espanhol*”. Por fim, o rei da Espanha, Juan Carlos, é caracterizado como o personagem irritado, que não tolera ofensas e demonstra visivelmente sua insatisfação: “o rei Juan Carlos projetou o corpo para a frente e, *com dedo em riste perguntou: ¿Por qué no te callas?*”; “diante disso [das críticas de Daniel Ortega a empresas espanholas] *o rei se levantou e se retirou da sala*” (CHÁVEZ ..., 2007b, grifo nosso).

Nos dias subseqüentes, o episódio desdobra-se em novos atos dramáticos. Na terça-feira, dia 12, Chávez reaparece no papel de agressor, fazendo novas ofensas e provocações às autoridades espanholas. Ao confessar que não percebera o “¿Por qué no te callas?” do rei, ele afirma: “me disseram que tiveram que agarrar o rei e que ele ficou muito brabo, como um touro. *Mas eu sou muito toureiro, e olé*”. Em seguida, ironiza o presidente espanhol - “me dei conta de que *é o rei que dirige a política externa da Espanha, não o presidente do governo*” – e instiga o rei – “quero perguntar diretamente [ao rei]: *o senhor sabia do golpe contra o governo da Venezuela?*” (REAÇÃO ..., 2007, grifo nosso).

Em contraposição a esse caráter agressivo, a edição do dia seguinte reforça a sensatez e a educação do governo espanhol. Nela, o ministro do Interior da Espanha afirma que o país não entrará no “jogo” de Chávez reagindo às novas acusações: “ele [Chávez] evidentemente quer prosseguir com este jogo. (...) *O governo da Espanha quer que a Espanha se dê bem com a Venezuela* (...)”. Apesar disso, o ministro alerta para a possibilidade de novas reações a ofensas: “se não formos respeitados, temos que reagir” (MADRI ..., 2007, grifo nosso).

É interessante ressaltar, nesse caso, a presença da palavra “jogo”, também utilizada pelo jornal na construção do título (“Madri ignora ‘jogo’ de Chávez”). Isso porque o verbete, empregado em um sentido conotativo, acaba por remeter à idéia de uma encenação montada por Chávez, na qual a Espanha deveria assumir um determinado papel para conduzi-la ao resultado esperado.

Nesse espetáculo, Chávez tenta, por um instante, passar-se por vítima. No dia 14, ele garante: “não quero nenhum conflito com o rei. Não disse nada ao rei. Alguns dizem que o desrespeitei (...) *agora querem me colocar no papel de agressor. Pelo amor de Deus, nem vi o rei!*”. Segundo o presidente, “*ele só se defendeu, e é a mídia internacional que manipulou os fatos* para passar a imagem de que ele foi ofensivo com a Espanha” (CHÁVEZ ..., 2007a, grifo nosso).

Na edição seguinte, contudo, ele reaparece encarnando seu personagem inicial, ao proferir sentenças como “com um *presidente que sai defendendo um fascista e atropela a verdade*, e um *rei que atropela ou pretende atropelar a dignidade de um povo*, fica difícil ter boas relações” e “o triste disso tudo é que *Zapateiro tenha saído em defesa do fascista do Aznar*. E com essa absurda desculpa de que foi um presidente eleito” (LULA ..., 2007, grifo nosso).

O caráter espetacular do episódio reconstruído pela mídia é reforçado com a publicação dos efeitos de cunho emocional provocados em parte da platéia. Sob o título “*Reação a ofensas de Chávez*” e o subtítulo “*Imprensa mundial e políticos espanhóis elogiam rei, que mandou venezuelano se calar*”, a notícia do dia 12 enfoca a reação do público à encenação a que foi submetido, trazendo frases como “as ofensas e a postura pouco educada de Chávez (...) foram motivo de *pesadas críticas*”; “Mariano Rajoy, presidente do partido de Aznar, *elogiou o rei*”; “a postura do rei *foi elogiada* por quase toda a classe política espanhola” (REAÇÃO ..., 2007, grifo nosso).

Além das reações de representantes do campo político, a matéria trata da cobertura realizada pela grande mídia mundial. Em um box, ela exhibe imagens da capa dos principais jornais de Espanha, Venezuela, Chile e Nicarágua, com o intuito de mostrar a repercussão do assunto. As manchetes evidenciam que também em outros países predominou o tom dramático na construção midiática do acontecimento. O diário espanhol *El Mundo*, por exemplo, teve como chamada de capa a frase de Juan Carlos “*¿Por qué no te callas?*”; já o jornal venezuelano *El Universal* escolheu como título a sentença “a Cúpula terminou com choque verbal Chávez-Zapatero” e o periódico chileno *La Tercera*, “Chávez inicia duro conflito com Espanha, polariza a Cúpula e irrita Bachelet” (REAÇÃO ..., 2007, tradução nossa).

Manchetes como essas sinalizam que a cobertura espetacular do caso não consiste em uma particularidade de *O Globo*. Elas reforçam a hipótese de que o tratamento dispensado ao caso pelo jornal brasileiro deriva da tendência, anunciada por



Gomes (2004), de uma produção de noticiários políticos cada vez mais calcados na encenação teatral e pouco permeáveis às discussões de cunho político.

A impermeabilidade da mídia em relação às verdadeiras questões de natureza política pode ser percebida na cobertura em questão pela quase completa ausência de referências aos objetivos e assuntos discutidos na cúpula, bem como ao próprio contexto no qual se insere o desentendimento entre as autoridades políticas. Neste sentido, é interessante notar que a Reunião da Cúpula Ibero-americana só se tornou objeto de atenção do jornal em função dos desentendimentos entre Venezuela e Espanha. O evento, que começara na quinta-feira, dia 8, foi abordado no jornal pela primeira vez no sábado, dia 10, em uma pequena nota intitulada “Crítica gera mal-estar com Espanha” (CRÍTICA ..., 2007), que destacava apenas críticas de Hugo Chávez ao ex-presidente e às empresas da Espanha.

Durante a cobertura do incidente, as questões relacionadas à Cúpula também quase não foram mencionadas e, quando foram, ficaram relegadas a segundo plano. No dia 12, por exemplo, a única referência à natureza do encontro apareceu associada ao comentário de *O Globo* sobre o conteúdo do editorial publicado pelo jornal chileno *El País*: “o *El País* (...) afirmou em editorial que o tema da cúpula – coesão social – motivou a reação de Chávez e outros ‘populistas’” (REAÇÃO ..., 2007).

Apenas no dia 13 há uma tentativa de contextualizar o acontecimento. Em um pequeno box intitulado “Um confronto anunciado”, o jornal explica que “o complexo panorama de relações entre Espanha e América Latina, a substância das cúpulas ibero-americanas” é “um horizonte poliédrico no qual confluem velhas brigas históricas”. Sobre as causas que motivaram o confronto, ele afirma: “esse coquetel começou a ser agitado ao se centrar a cúpula em coesão social, debate emblemático da divisão da América Latina da Alca, aberta à relação com EUA, e a da Alba, que busca respaldo em Hugo Chávez”. O jornal ainda acrescenta que “Moratinos [ministro espanhol do Exterior] disse que o incidente era previsível porque a polêmica disparara nos debates a portas fechadas” (MADRI ..., 2007).

Apesar de também deixar de fora os argumentos em que se ancoraram cada uma das partes na disputa política e, por conseguinte, impossibilitar o alinhamento do público leitor via adesão racional, o conteúdo do box demonstra que o desfecho dramático não resultou apenas da falta de educação gratuita de Chávez: ele emergiu em um contexto marcado pela exaltação dos ânimos provocada por uma acirrada contenda política.

Outro aspecto do noticiário que merece destaque é a comprovação, pelo próprio jornal, da inserção do caso na pauta de assuntos de interesse social. Como atesta a publicação de um box intitulado “as piadas sobre o incidente” (MADRI ..., 2007) (Anexo A) - no qual são enfocadas charges sobre o acontecimento publicadas na Internet - e de uma foto de manifestação venezuelana em que aparece com destaque um cartaz que reproduz a frase do rei espanhol, “¿Por qué no te callas?” (VALENTE, 2007) (Anexo B), o assunto transferiu-se rapidamente da agenda da mídia para a da sociedade. Também conduz a essa conclusão a menção em texto da disponibilização na rede mundial de computadores da frase do rei para ser baixada como *ringtone* de celulares (MADRI ..., 2007).

Vale ressaltar, ainda, que o box supracitado (MADRI ..., 2007) (imagem 1) também evidencia a intenção do jornal de divertir o leitor, provocando-lhe risos: nele é exibida uma série de imagens referentes às paródias que circularam na rede. Chávez e Juan Carlos aparecem em diferentes situações cômicas. Eles interpretam, por exemplo, personagens do videogame *Street Fighter*, do programa de TV mexicano *Chaves* e do filme “300 de Esparta”, completando, assim, o esquema de Gomes(2004), em que a ruptura das regularidades, a dramatização e a diversão definem o tom do noticiário na atual interseção entre os campos do jornalismo e da política.

### **Considerações finais**

Ao partir de uma perspectiva que vislumbra o jornalismo como uma atividade de construção da realidade para colocar em evidência o caráter espetacular assumido pelo noticiário de *O Globo* na cobertura do incidente entre as autoridades venezuelana e espanhola, o presente trabalho não sustenta a tese de que tais elementos foram acrescentados ao fato de forma arbitrária. Pelo contrário, ele pretende indicar que determinados aspectos do acontecimento foram selecionados, destacados e, por vezes, amplificados pelo jornal em seu processo de produção noticiosa.

Compartilha-se aqui da visão de que o ato de selecionar e ressaltar, em si, não constitui um problema; dada a impossibilidade de apreensão total dos acontecimentos, mesmo daqueles experienciados diretamente pelos seres humanos, essa é vista até como uma tarefa imprescindível. A questão que se coloca é a proeminência de um certo *modo*



de existência da realidade, a adoção privilegiada de uma maneira de ver o mundo político em detrimento de outras possibilidades.

Essa repetição torna-se ainda mais grave quando se verifica que a perspectiva adotada relega a segundo plano o cerne do mundo político e não se restringe a um único veículo – como afirma Gomes (2004) e leva a supor, neste trabalho, a referência de *O Globo* às diferentes manchetes sobre o assunto publicadas pela grande mídia, a forma de cobertura dos acontecimentos políticos ora evidenciada alastra-se pelo campo jornalístico como um todo. Como consequência, os cidadãos comuns, que têm acesso ao mundo político essencialmente via meios de comunicação de massa, vêm-se submetidos praticamente a uma única e padronizada visão dos acontecimentos.

Cabe ressaltar, ainda, que o esvaziamento do mundo político propiciado por tal modo de existência dos acontecimentos na mídia não vem acompanhado da desideologização dos noticiários. Como lembra Traquina (2005), citando diferentes autores, os valores-notícia são um código ideológico por intermédio do qual os meios de comunicação também atuam como mecanismos de manutenção de fronteiras, expondo, condenando ou excluindo da agenda os atores sociais que violam ou desafiam os valores de consenso. Neste sentido, acredita-se que o noticiário em questão seja mais um exemplo da tentativa da mídia de censurar Hugo Chávez, uma personalidade política que vem tentando se apresentar como uma alternativa às propostas econômicas e políticas hegemônicas. Contudo, a confirmação ou não de tal hipótese requer uma análise mais abrangente, que ultrapassa os limites do caso ora estudado, abrindo horizontes para a realização de novas pesquisas.



## Anexo A

### ▶ As piadas sobre o incidente

A frase do rei para Hugo Chávez motivou centenas de piadas na internet espanhola. Numa paródia do programa de TV mexicano Chaves (Chavo, em castelhano), o personagem Quico, com o rosto de Juan Carlos, repete seu famoso bordão ("Cale-se, cale-se, cale-se! Você me deixa louco!"), para um Chaves com o rosto de Chávez. A briga entre o rei e Chávez foi comparada também ao videogame Street Fighter e ao filme "Os 300 de Esparta". Um Chávez armado também diz



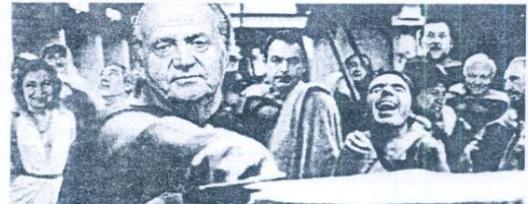
Chávez armado



Videogame Street Fighter



Programa de TV mexicano Chaves (Chavo, em castelhano)



"Os 300 de Esparta"



## Anexo B



MANIFESTANTES ANTICHÁVEZ usam a frase do rei Juan Carlos, em Caracas, na campanha pelo "não"

### Referências bibliográficas

CHÁVEZ baixa o tom no conflito com rei que o mandou se calar. *O Globo*. Rio de Janeiro, O Mundo, 14 nov. 2007a.

CHÁVEZ bate boca com rei. *O Globo*. Rio de Janeiro, O Mundo, 11 nov. 2007b.

CRÍTICA gera mal-estar com Espanha. *O Globo*. Rio de Janeiro, O Mundo, 10 nov. 2007.

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. Duas premissas para a compreensão da política-espetáculo. *Revista de Comunicação e Linguagens*, Portugal, n. 21-22, p.299-317, 1995.



HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In. \_\_\_\_\_ (org.) *Teorias da Comunicação*; conceitos, escolas e tendências. p. 187-240. Petrópolis: Vozes, 2001.

LULA apóia Chávez, que ataca rei e Espanha. *O Globo*. Rio de Janeiro, O Mundo, 15 nov. 2007.

MADRI ignora ‘jogo’ de Chávez. *O Globo*. Rio de Janeiro, O Mundo, 13 nov. 2007.

REAÇÃO a ofensas de Chávez. *O Globo*. Rio de Janeiro, O Mundo, 12 nov. 2007.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. v 2. Florianópolis: Insular, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teorias do jornalismo*. v 1. Florianópolis: Insular, 2004.

VALENTE, Leonardo. Venezuela suspende debates sobre reforma. *O Globo*. Rio de Janeiro, O Mundo, 14 nov. 2007.

VASCONCELOS, Adriana & JUNGBLUT, Cristiane. Ataques à defesa de Lula a Chávez. *O Globo*. Rio de Janeiro, O Mundo, 12 nov. 2007.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995.